

# A IMAGEM DE LISBOA NA OBRA DE EÇA DE QUEIROZ\*

LINEU BLEY\*\*

## Resumo

Na certeza de que é dentro do espírito interdisciplinar que a ciência geográfica responde à sua vocação, este estudo objetiva explorar as relações entre Geografia e Literatura. A obra do grande literato português Eça de Queiroz reflete, em numerosas e claras imagens, a paisagem urbana de Lisboa. A partir dos estudos de Lynch, a análise da imagem da cidade firmou-se como campo de pesquisa no âmbito da Geografia Urbana. Na imagem do espaço vivido por Eça podemos encontrar o bairro, os limites, os caminhos, os pontos focais e marcos visuais e compará-los com as propostas de reurbanização da área.

**Palavras-chave:** percepção, espaço vivido, Lisboa.

## Resumé

### L'image de Lisbonne en l'œuvre de Eça de Queiroz

Avec la conviction que c'est dans un esprit d'interdisciplinarité que la science géographique répond à sa vocation, cette étude a pour but d'explorer les relations entre Géographie et Littérature. L'œuvre du grand homme de lettres Eça de Queiroz reflète, dans de nombreuses et claires images, le paysage urbain de Lisbonne. A partir des études de Lynch, l'analyse de l'image de la ville s'est affermie comme terrain de recherche dans le cadre de la Géographie urbaine. Sur l'image de l'espace vécu par Eça, on peut retrouver le quartier, les limites, les chemins, les points focaux et les bornes visuelles, ainsi que les comparer aux propositions d'une nouvelle urbanisation de l'aire.

**Mots-clé:** perception, espace vécu, Lisbonne.

---

\* Trabalho patrocinado pela CAPES - 1992-1993

\*\* Mestre e Doutor em Geografia - UNESP-Campus de Rio Claro Bolsista de Pós-Doutorado na Universidade Nova de Lisboa

*“Sobre a nudez forte da Verdade, o manto diáfano da Fantasia”\**

## INTRODUÇÃO

A temática deste artigo nos remete, em primeiro lugar, ao interesse pela exploração das interfaces entre a Geografia e a Literatura, desvendadas mediante postulados da chamada tendência cultural-humanística aplicada à ciência geográfica. Rimbart (1971:8) afirma que nós, geógrafos, não devemos nos surpreender dos empréstimos que fazemos, entre outros, aos romancistas, pois é no desenvolvimento desse espírito interdisciplinar que a Geografia responde a sua vocação.

Também para clarear essa interface podemos ir buscar em Pankow (1986: 8) uma citação de Freud, que afirma: *“os poetas e romancistas são aliados preciosos, e seu testemunho deve ser tido em alta estima pois eles conhecem, entre o céu e a terra, muitas coisas (...) pois se banham em fontes que ainda não se tornaram acessíveis à ciência”*.

Assim quando tentamos saber o que o cidadão procura na cidade por testemunhos indiretos expressos sob a forma de imagens, dentre as testemunhas estão certamente os escritores. Inclusive estudos científicos como os de Lowenthal (1978) e Lynch (1974) explicitam relações entre Geografia e Literatura. Entre nós há o importante estudo que Lima (1990) realizou, sobre a obra-prima de Guimarães Rosa, para demonstrar como uma obra de arte pode desvendar a estrutura e os significados do espaço e dos lugares, mediante a percepção e a apreensão de um literato. Em um de seus estudos Lynch (1980: 11) afirma que: *“todo o cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações”*. A opção pela obra literária de José Maria Eça de Queiroz pareceu-nos natural. Embora a preocupação central tenha sido com o perfil psicológico de seus personagens, suas descrições de cenários revelam imagens ricas e vigorosas. Em sua obra, como registrou Figueiredo (1955: 325) *“sem deixar de haver muito de alada fantasia, há muita observação, muita descrição do real, em que o romancista, como paisagista e psicólogo, nos dá a cor, o movimento e os efeitos morais da terra”*. Assim sendo permite uma análise das imagens da paisagem urbana de Lisboa, aqui exposta, pelo menos em nível de intenção, dos espaços e lugares em que o grande autor viveu e onde faz seus personagens circular. Muitos anos de leituras e releituras da obra de Eça foi outro fator que influenciou

---

\* Legenda aposta ao monumento à Eça de Queiroz, inaugurado em 9 de novembro de 1903, no Largo Barão de Quintela, em Lisboa, extraída da obra *“A Cidade e as Serras”*.

nossa decisão. Assim estabelecemos como objetivo: analisar as imagens da paisagem urbana de Lisboa, nas últimas décadas do século passado, retratada em romances, contos, artigos e cartas de Eça. Essa análise é realizada à luz das imagens que construímos de Lisboa, que revisitamos nos anos 1992-1993, período em que, domiciliados na cidade, realizamos estágio no Departamento de Geografia e Planeamento Regional da Universidade Nova de Lisboa.

## A OBRA E OS ESPAÇOS VIVIDOS DE EÇA

José Maria Eça de Queiroz era, como declarou, “*um pobre homem de Póvoa do Varzim*”, onde nasceu em 1845. Sua infância viveu, com os avós, na Vila do Conde e a adolescência no Porto, onde cursou o Liceu. Depois viveu anos em Coimbra, onde na histórica Universidade estudou Direito. Portanto só experiência a paisagem de Lisboa a partir de 1866, quando aos 21 anos, completa seu curso de Direito em Coimbra e vai residir na Capital, na casa de seus pais, no quarto andar de um edifício no Rossio, que tinha o número 26. Segundo Batalha Reis (1903), a janela de seu quarto, local de seu trabalho, dava para a Rua do Príncipe. Era então colaborador do jornal “Gazeta de Portugal” onde publicava folhetins. Passa alguns meses em Évora, onde funda e dirige um jornal, mas logo retorna a Lisboa. Em 1870 foi nomeado administrador do Concelho de Leiria, onde passa a residir. Nessa cidade da Beira Baixa esboça seu primeiro romance “O crime do Padre Amaro”. Mas em 1871 está de volta a Lisboa. Em 1872, após aprovação em concurso para carreira diplomática, é nomeado cônsul em Havana, onde permanece até 1874, quando é transferido para Newcastle-on-Tyne, na Inglaterra. Nesse ano o jornal “Diário de Notícias” publica as “Singularidades duma Rapariga Loira”. Em Newcastle reescreve o “O crime do Padre Amaro” e publica “O Primo Basílio”, que o autor datou “Setembro de 1875- Setembro de 1877”. No entanto, nem as belas paisagens urbanas de Havana, nem o sítio de Newcastle, inspiraram o autor a aproveitá-las como cenário. Em 1878 é transferido para o consulado de Bristol onde escreve “A Capital”. Em 1879, escreve em Dinan, na França, “O Conde de Abranhos”. Em gozo de férias, em 1880, vive em Lisboa, de janeiro a junho, onde trabalha na obra “Os Maias”, que foi concluída em 1890, em Bristol.

Para Figueiredo (1955: 322) nessa fase a literatura de Eça estava centrada “em negar e demolir e (...) de sua larga permanência em meios estranhos, da muita leitura e meditação e do aproximar-se dos cinquenta anos lhe veio o desejo de afirmar e construir”. Ainda de 1880 é a obra “O Mandarin”. Em 1887 é posta à venda “A Relíquia”, anteriormente publicada em folhetins na “Gazeta de Notícias” do Rio de Janeiro. No ano seguinte consegue ser transferido para Paris, onde passa a

residir em Neuilly. Em 1889 funda a Revista de Portugal, onde publica a versão definitiva das “Cartas de Fradique Mendes”. Em Paris escreve “A Ilustre Casa de Ramires”, e em 1895, “A Cidade e as Serras”.

Em 1900 morre em Paris, seu corpo é trasladado para Lisboa, onde foi sepultado no Cemitério do Alto de São João. Em 1911 apareceu um volume de “Últimas Páginas” com as vidas de santos, infelizmente incompletas. E muito depois, saem de uma velha mala, os romances “A Capital”, “O Conde Abranhos” e “Alves & Cia”, que tinham sido abandonados pelo escritor e pertencem a sua fase de cronista da vida lisboeta, portanto obras importantes para os objetivos deste estudo.

## CITAÇÕES E DESCRIÇÕES DE LISBOA

São inúmeras as edições das obras completas de Eça, que vão desde a monumental coleção em quatorze volumes, publicadas no Centenário de nascimento do escritor até simples edições de bolso. Assim julgamos conveniente esclarecer que, embora trabalhando com diferentes edições, aqui apresentamos citações coletadas nos volumes I, II e III das Obras de Eça de Queiroz, publicadas em 1958, pela Editora Lello & Irmão, do Porto.

Na Introdução, redigida em 1903, das “**Prosas Bárbaras**” Batalha Reis (p. 519), seu grande amigo em Lisboa, relata as andanças dos jovens pela cidade. As longas caminhadas que fazia com Eça, desde seu quarto na casa número 14, da Rua do Guarda-Mor, em pleno Bairro Alto. Esses longos percursos, muitas vezes, levavam a Belém, a calçada da Ajuda, a restaurantes no Cais do Sodré e ao Arco do Cego. Essa coletânea, publicada postumamente, inclui um texto intitulado “**Lisboa**” em que o autor traça um retrato subjetivo da cidade, onde afirma que “*Lisboa tem ainda meiguices primitivas de luz e de frescura; apesar dos asfaltos, das fábricas, dos gasómetros, dos cais, ainda aqui as Primaveras escutam os versos que o vento faz; sobre os seus telhados ainda se beijam as pombas; ainda, no silêncio, o ar escorre pelas cantarias, como o sangue ideal da melancolia*” (p. 600). E coloca, com tom de fina ironia: “*Como Roma ela tem sete colinas; como Atenas, tem um céu tão transparente que poderia viver nele o povo dos deuses; como Tiro, é aventureira do mar; como Jerusalém, crucifica os que lhe querem dar uma alma. Todavia, Lisboa o que faz? Come.*” (p. 601).

No volume de “**Contos**”, no conhecido texto “Singularidades de uma Rapariga Loura” (p. 697), um personagem vai comprar o anel de noivado em ourives da Rua do Ouro, que desde os tempos do Marquês de Pombal, foi o centro desse tipo de comércio na cidade. Em outro conto, “José Matias”, Eça faz interessante comentário sobre a sucessão de estações de tempo em Lisboa: “*O quê! Já são 29 de*

*Agosto? Santo Deus... O Inverno passou, muito seco e muito azul... Um domingo, no Rossio, quando já se vendiam cravos nas tabacarias...*” (p. 809), referindo-se a tênue diferença de estações do ano na área da cidade. Como seu primeiro romance, “O crime do Padre Amaro” teve sua trama desenvolvida no espaço urbano de Leiria, onde viveu pouco tempo, é “O Primo Basílio” o primeiro a ter por cenário Lisboa. Nesse romance aparece a descrição de um dos mais conhecidos panoramas da cidade: “Tinham entrado em S. Pedro de Alcântara...Foram encostar-se às grades. Através dos varões viam , descendo num declive, telhados escuros, intervalos de pátios, cantos de muro com uma ou outra magra verdura de quintal ressequido; depois, no lindo vale, o Passeio estendia a sua massa de folhagem prolongada e oblonga, onde a espaços branquejavam pedaços da rua asseada. Do lado de lá erguiam-se logo as fachadas inexpressivas da Rua Oriental, recebendo uma luz forte que fazia faiscar as vidraças; por trás iam-se elevando no mesmo plano terrenos dum verde crestado fechados por fortes muros sombrios, a cantaria da Encarnação de um amarelo triste, outras construções separadas, até ao alto da Graça coberta de edifícios eclesiásticos, com renques de janelinhas conventuais e torres de igrejas, muito brancas sobre o azul; e a Penha de França, mais para além, punha em relevo o vivo do muro caiado, de onde sobressaía uma tira verde-negra de arvoredo. À direita, sobre o monte pelado, o castelo assentava, atarracado, ignobilmente sujo; e a linha muito quebrada de telhados, das esquinas de casas da Mouraria e da Alfama descia com ângulos bruscos até as duas pesadas torres da Sé, dum aspecto abacial e secular. Depois viam um pedaço do rio, batido da luz; duas velas brancas passavam devagar; e na outra banda, à base de uma colina baixa que o ar distante azulava, estendia-se a correnteza de casarios duma povoaçõzinha dum branco de cré luzidio.” Grande panorama! disse o conselheiro (Acácio) com ênfase. E encetou logo o elogio da cidade. Era uma das mais belas da Europa, decerto, e como entrada, só Constantinopla! (p. 998).

No plano, de doze volumes, das “Cenas da Vida Portuguesa”, que Eça não concretizou, estava a obra “A Capital”. Esse romance não entusiasmava seu autor, que o deixou no fundo de uma mala, sendo que o texto só foi publicado vinte anos após sua morte. Seu título sugere que a área urbana de Lisboa seria o cenário descrito com muitos detalhes. Mas há apenas seis citações à paisagem urbana de Lisboa. Coloca como um pensamento, uma imagem, do personagem Artur Corvelo, que Lisboa “lhe parecia mais desejável, pensando que era só lá que uma civilização superior produzia aquelas belezas delicadas...como certas flores preciosas que só nascem em terrenos muito preparados!” (p. 63). Chegado de uma aldeia, Artur Corvelo, recebe um conselho: “não queira afrontar o luxo desproporcionado de um hotel no Chiado...ferre-se no Espanhol, na Rua da Prata” (p. 64). E uma curiosa colocação sobre Artur que estava “ansioso por ver o Martinho...ser também de Lisboa” (p. 70). Registra uma imagem: “e ao passar por São Pedro de Alcântara, penetrou sob as árvores e foi encostar-se às grades. A cidade cavava-se embaixo, no vale escuro...

Que grande Lisboa!" (p. 71). E é também o personagem Artur que "a caminhar depressa pela Rua do Arsenal; mas no Terreiro do Paço perdeu-se; confundia as ruas largas, já um pouco desertas, paralelas, infindáveis." (p. 72). E como última citação à cidade coloca que "no Chiado, os pregões cantavam, os trens rolavam..." (p. 95).

Em "O Conde de Abranhos" encontramos poucas citações sobre o cenário, como: "...encontrámos Alipio Abranhos em Lisboa, numa casa da Rua do Ouro que faz esquina para o Rossio..." (p. 325) e mais adiante "Sabe-me dizer onde mora o senhor Padre Augusto? Às Portas de Santo Antão, 36, segundo, meu senhor. Em casa da Gervásio" (p. 347). Já nas primeiras linhas da obra "A Catástrofe" aparece um comentário crítico sobre Lisboa "Eu moro à esquina do Largo do Pelourinho, justamente defronte do Arsenal... no segundo andar, à direita. Nunca gostei do sítio: sem ser bucólico, a minha ambição foi sempre habitar longe destes arruamentos tristes da Baixa, num bairro de mais ar e de mais horizonte, com um quintal, uma frescura de folhagem e alguns metros de terra, onde, num rumorejar de árvores, pudesse ter roseiras e acolher pássaros nas tardes de Verão...Esses prédios são, por causa das lojas e dos armazéns, casas de maior rendimento do que as dos outros bairros, e, como emprego de capital, um prédio na Baixa é mais vantajoso do que uma casa bonita em Buenos Aires ou no bairro das Janelas Verdes" (p. 410). Como na nota prévia do filho de Eça escreveu sobre a obra "Alves & Cia" afirma que uma das qualidades do texto é "seu intenso sabor lisboeta", pode-se julgar que contenha muitas imagens de Lisboa, mas não, há apenas referências esparsas. Dentre elas temos os endereços usuais de Alves: "seu escritório, na Rua dos Douradores", a casa onde morava "decidiu logo correr à Rua de São Bento" ou a casa "do sogro, que morava a Santa Isabel". E um percurso que Alves fez fazendo compras: "subia...a Rua Nova do Carmo. Ao alto da rua, no restaurante do Mata, parou a encomendar uma empada de peixe", "subiu o Chiado", "desceu enfim a calçada do Correio", "chegara à Rua de São Bento" (1958: 430). E ao final há um registro de que enriquecidos os Alves "tinham mudado para um palacete a Buenos Aires" (p. 484).

"Os Maias", da fase da crítica à sociedade lisboeta, é o romance em que se registram numerosas imagens de Lisboa. Já no início o autor situa "A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa, no outono de 1875, era conhecida na vizinhança da Rua de S. Francisco de Paula, e em todo o Bairro das Janelas Verdes pela casa do Ramalhete. O nome de Ramalhete provinha de um revestimento quadrado de azulejos fazendo painel no lugar heráldico do escudo de armas, que nunca chegara a ser colocado e representando um grande ramo de girassóis atado por uma fita onde se distinguem letras e números de uma data" (p. 13). Essa descrição corresponde a um edifício que, atualmente, fica ao lado do Museu de Arte Antiga, na Rua das Janelas Verdes, e é utilizado como sede de uma fundação cultural que atua na preservação do patrimônio histórico-artístico.

**Figura 1 - Edifício na "Rua das Janelas Verdes", em Lisboa**  
**Figure 1 - Immeuble Dans La "Rua das Janelas Verdes",**  
**à Lisbon**



Foto: L. Bley - Nov. de 1992

Entre as citações a logradouros de Lisboa temos: “*aludiu aos Olivais, com entusiasmo, lembrando o doce sossego da casa, a clara vista do Tejo*” (p. 242); “*penetraram na Rua de S. Francisco, mais silenciosa*”. (p. 247). E mais comentários como o do personagem Egas, um alter ego de Eça: “*O campo, dizia ele, era bom para os selvagens. O homem, à maneira que se civiliza, afasta-se da natureza; e a realização do progresso, o paraíso na Terra, que pressagiam os idealistas, concebia-o ele como uma vasta cidade ocupando totalmente o Globo, toda de casas, toda de pedra, e tendo apenas aqui e além um bosquezinho sagrado de roseiras, onde se fossem colher os ramalhetes, para perfumar o altar da Justiça...*” (p. 254); “*que conservava a tradição da antiga cozinha freirática do tempo do senhor D. João V...um caldo de galinha como só se comia em Odivelas, na cela de madre Paula, em noites de noivado místico*” (p. 272); “*Fica agora em Lisboa? só o tempo de cumprir o meu dever de cidadão, subindo duas ou três vezes o Chiado*” (p. 274); “*sem estrelas, mas tão macia, que nela parecia andar perdido um bafo de maio*”; “*desceram a Rua Nova da Trindade, devagar, no encanto estranho daquela noite de inverno*” (p. 353); “*vir ao velho Portugal, ver as árvores de Santa Olávia e as*

*maravilhas da Avenida.*”(p. 396); “*para tomar um bom sorvo de ar da pátria... Olha tu para isso, para esse céu, para esse rio...pasmaram para a incomparável beleza do rio, vasto, lustroso, sereno, tão azul como o céu esplendidamente coberto de sol*” (p. 398); “*Estavam no Loreto; reentrando na intimidade daquele velho coração da Capital*” (p. 400); “*tens tu essa Avenida! Num claro espaço rasgado, onde deixara o Passeio Público, pacato e frondoso - um obelisco, com borrões de bronze no pedestal... Dos dois lados seguiam, em alturas desiguais, os pesados prédios, lisos e apumados...*” (p. 403); “*resta aquilo que é genuíno...E mostrava os altos da cidade, os velhos outeiros da Graça e da Penha, com seu casario escorregando pelas encostas ressequidas e tismadas do sol.*” (p. 404).

Além das constantes referências às Igrejas e Conventos de Lisboa, como: a Graça, o Carmo, os Mártires, São Domingos, São Roque, Santa Engrácia, no texto de “**A Relíquia**” a obra que faz uma sátira feroz ao espírito de falsa moralidade de carolas e padres na sociedade lisboeta, surgem poucas, mas muito interessantes, imagens de Lisboa. Uma delas refere-se a um café tradicional da cidade: “*Quer você vir tomar o seu chá ao Martinho? perguntou-me ao desembocarmos no Rossio. Não sei se você conhece a torrada do Martinho...É a melhor de Lisboa.*” (p. 1491). O autor registra um pensamento de Teodorico, o personagem central, após uma longa viagem: “*Era decerto em mim o deleite de rever, sob aquele céu de janeiro, tão azul e tão fino, a minha Lisboa, com as suas quietas ruas cor de calça suja, e aqui e além as tapuias verdes descidas nas janelas, como pálpebras pesadas de langor e de sono.*” (p. 1622). O obra “**A Ilustre Casa de Ramires**”, que é para muitos o melhor romance de Eça, tem por cenário um espaço rural: herdades, aldeias e uma cidade pequena. Mas dadas as aspirações do personagem central, Gonçalo Mendes Ramires, um fidalgo de alta estirpe, a posições políticas, acaba por aludir a Lisboa. Daí que as imagens registradas vinculam-se à política da Capital: “*O pai de Gonçalo, ora regenerador, ora histórico, vivia em Lisboa no Hotel Universal, gastando as solas pelas escadarias do Banco Hipotecário, e pelo lajedo da Arcada, até que um Ministro do Reino (...) o nomeou governador civil de Oliveira*” (p. 1157). “*Um ano depois de sua formatura Gonçalo foi a Lisboa por causa da hipoteca de sua quinta de Praga, (...) e também para conhecer mais estreitamente o seu chefe, o Brás Vitorino, mostrar lealdade e submissão partidária, colher algum fino conselho de conduta política*” (p. 1160). E “*recordando mesmo a recomendação da tia Louredo: Oh sobrinho! o menino, assim galante e esperto, não se enterre na província! Lisboa está sem rapazes! (...) Mas a vida elegante em Lisboa, entre a sua parentela histórica, como a agüentaria com o conto e oitocentos mil-réis de renda (...) E depois realmente vida em Lisboa só a desejava com uma posição política - cadeira em S.Bento, influencia intelectual no seu Partido, lentas e seguras avançadas para o poder*” (p. 1171). Mas há uma última referência a Lisboa, com um tom crítico: “*não detestava Lisboa! Se pudesse*

*acarretar para Lisboa as suas comodidades, o seu quarto, a sua cocheira, a boa água do pomar, a rica varanda sobre o jardim - até se regalava! Mas entalado naqueles quartinhos do Bragança... E depois má comida, o barulho...*" (p. 1285).

Mais uma irônica comparação entre Lisboa e outras capitais europeias aparece na "**Correspondência**" de Eça, em uma carta à Ramalho Ortigão: "*Paris fez a Revolução, Londres deu Shakespeare, Viena deu Mozart, Berlin deu Kant, Lisboa...deu-nos a nós - que diabo!*" (p. 504).

No conto "Um dia de chuva" incluído no volume das "**Cartas inéditas de Fradique Mendes**" também aparece a relação dialética entre a cidade e o campo: "*e acabara por organizar em Lisboa uma instalação de rapaz elegante (...) empata- ra dois ou três anos na ociosidade da cidade, com um fáeton, uma cadeira em S. Carlos, ...*" e "*logo o caminho para a quinta o encantou, apesar de áspero, com seus arvoredos pacíficos, um rumor de água corrente, um cheiro forte de pomares e de prados*" (p. 878). Também uma crítica: "*Cidades são pedreiras! Muita pedra, muita parede. E gente de mais, anda-se aos encontrões, tudo são cerimônias, não há a rica liberdade!*" (p. 888). Em uma crítica severa à Câmara Municipal de Lisboa, publicada em "As Farpas" de dezembro de 1871, incluída no livro "**Uma campanha alegre**", o escritor registra: "*Lisboa é a cidade mais suja da Europa. A própria Constantinopla, com o torpe desleixo turco, a própria Atenas, com a indolente miséria grega - são mais limpas. E se não fosse o Tejo que lhe faz uma certa toilette, e este sol maravilhoso que tudo alegre e doura - Lisboa, aqui ao canto, junto do mar, como um cano, seria a sentina da Europa*" (p. 1109). Na mesma obra aparece uma comparação: "*Lisboa é uma cidade doceira, como Paris é uma cidade intelectual. Paris cria a idéia e Lisboa o pastel. (...) O Baltresqui, o Ferrari, a Confeitaria Lisbonense, arrasam o nosso organismo social*" (p. 1202). Também comenta a rivalidade entre as duas mais importantes cidades portuguesas: "*quando em Lisboa se soube que o Porto dava essa grande festa - Lisboa teve um estreme- cimento de cólera. Lisboa teve a tradicional, a costumada inveja. Lisboa inveja ao Porto a sua riqueza, o seu comércio, as suas belas ruas novas, o conforto das suas casas, a seriedade do seu bem-estar. O Porto inveja a Lisboa a corte, o Rei, as Câmaras, São Carlos e o Martinho*" (p. 1244). E ainda define: "*Lisboa é uma cidade salaio; é uma cidade de fora de portas; é uma cidade de aldeia*" (p. 1247). Os filhos de Eça, Maria e Antônio, organizaram uma publicação que recebeu o título de "**Eça de Queiroz entre os seus**", nesse volume que contém a correspondência familiar do escritor aparecem muitas, mas sucintas, imagens de Lisboa, como: "*Es- tou realmente ansioso por partir ( para Paris onde vivia na época), deixar esta querida Lisboa*" (p. 1636).

Grande parte do que Eça escreveu enquanto vivia no Reino Unido, foi publicado no jornal "Correio de Notícias" do Rio de Janeiro. Esses artigos de jornal foram reunidos em um volume intitulado "**Cartas da Inglaterra**". Em um desses

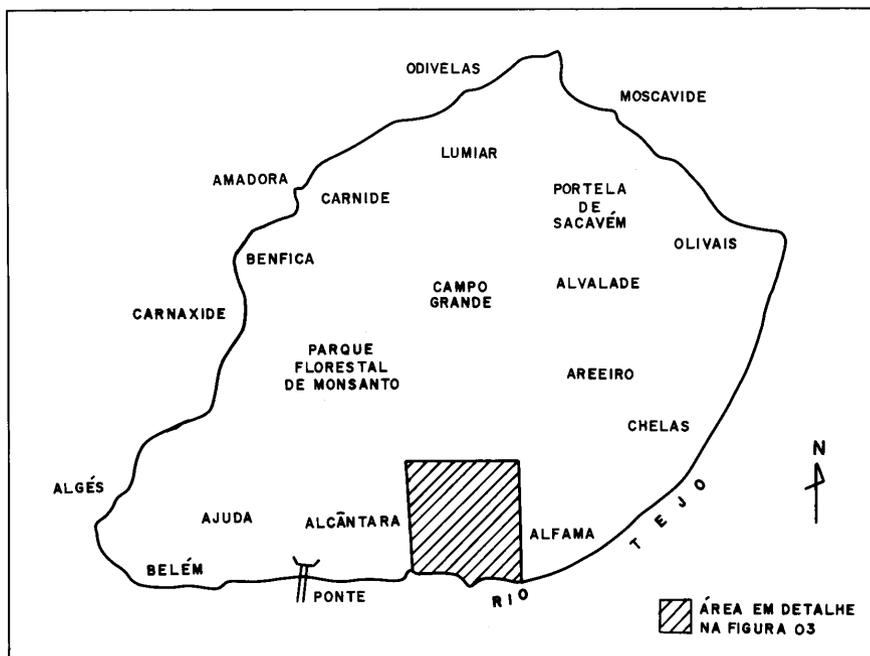
artigos discute a literatura infantil: “...compor livros para crianças...Lisboa não se ocupa destes detalhes Lisboa quer coisa superior, quer a bela estrofe lírica, o rico drama em que se morre de paixão ao luar, o fadinho ao piano, o saboroso namoro de escada, a endecha plangente, a boa facadinha à meia-noite, o discurso em que se cita o Gólgota, a andaluza de cuia - enfim tudo o que o romantismo português inventou de mais nobre” (p.526).

No conjunto de textos, intitulado pelos Editores, de “**Últimas Páginas**” aparece um comentário “há tempos para cá, Lisboa - vendo nas suas ruas os trâmueis americanos e os jornais franceses apregoados à porta dos seus teatros, e fotografias de cocotes nas vitrinas das suas lojas - imaginou que isto era a Civilização, e passou a considerar-se a si mesma cidade civilizada”(p.811). E comentando o ardor dos jovens intelectuais lisboetas contra a política do Imperador Napoleão III “é necessário barricadas, é necessário descer à rua. E descemos os degraus do Martinho!” (p.818). Por último em “**Ecos de Paris**” o escritor coloca “o que estraga a beleza de Lisboa é a presença do Lisboeta” (p. 1114). ELEMENTOS NA IMAGEM DE LISBOA

Lynch (1974: 16) analisou as imagens de cidades em função de cinco elementos: os bairros (districts), os limites (edges), os caminhos (paths), os pontos focais (nodes) e os marcos visuais (landmarks). Por **bairro** entendemos partes da cidade, com dimensões variáveis para o observador, seja vendo-os de dentro ou exteriormente. Considerando-se as numerosas citações na obra de Eça o espaço urbano de Lisboa era reduzido, tanto em termos da malha que a cidade teria em sua época como muito mais em relação ao espaço da cidade atualmente, como mostra a figura 02.

As imagens registradas por Eça delimitam um bairro. Ele abrange a leste, parte da Baixa Pombalina até o Rossio. Ao norte, parte do Bairro Alto, até o Largo de São Roque e a Travessa do Guarda-Mor. Ao sul, o bairro vai até as margens do Tejo, do Terreiro do Paço ao Cais do Sodré ou à Rampa de Santos. E a oeste chega à Rua das Janelas Verdes. As Avenidas Novas não existiam no seu tempo, mas mesmo o Passeio Público, que se estendia na área hoje ocupada pela Praça dos Restauradores e Avenida da Liberdade, não recebeu mais que duas citações. Os **limites** percebidos nesse bairro são um pouco difíceis de definir a norte e leste. Ficam claros os limites ao sul - o rio Tejo e a oeste - Belém e Algés. Para muitas pessoas os elementos preponderantes na imagem do espaço urbano são os **caminhos**. É de acordo com seus caminhos ou percursos de seus personagens que Eça organiza e conecta os elementos do espaço urbano de Lisboa. As ruas mais citadas foram: a rua de São Francisco, doze vezes; a rua de São Roque, seis vezes; a rua do Alecrim, cinco vezes; as ruas Nova da Trindade e do Arsenal, três vezes; as ruas Nova da Almada, do Carmo e Buenos Aires, duas vezes e também são citadas as ruas da Cedofeita, do Guarda-Mor, das Janelas Verdes, do Ouro, do Ferragial, de Santo Antão e dos Fanqueiros. No Benfica, atualmente uma bairro próximo em

**Figura 2 - Delimitação da área do município de Lisboa**  
**Figure 2 - Délimitation de l'aire municipale de lisbonne**

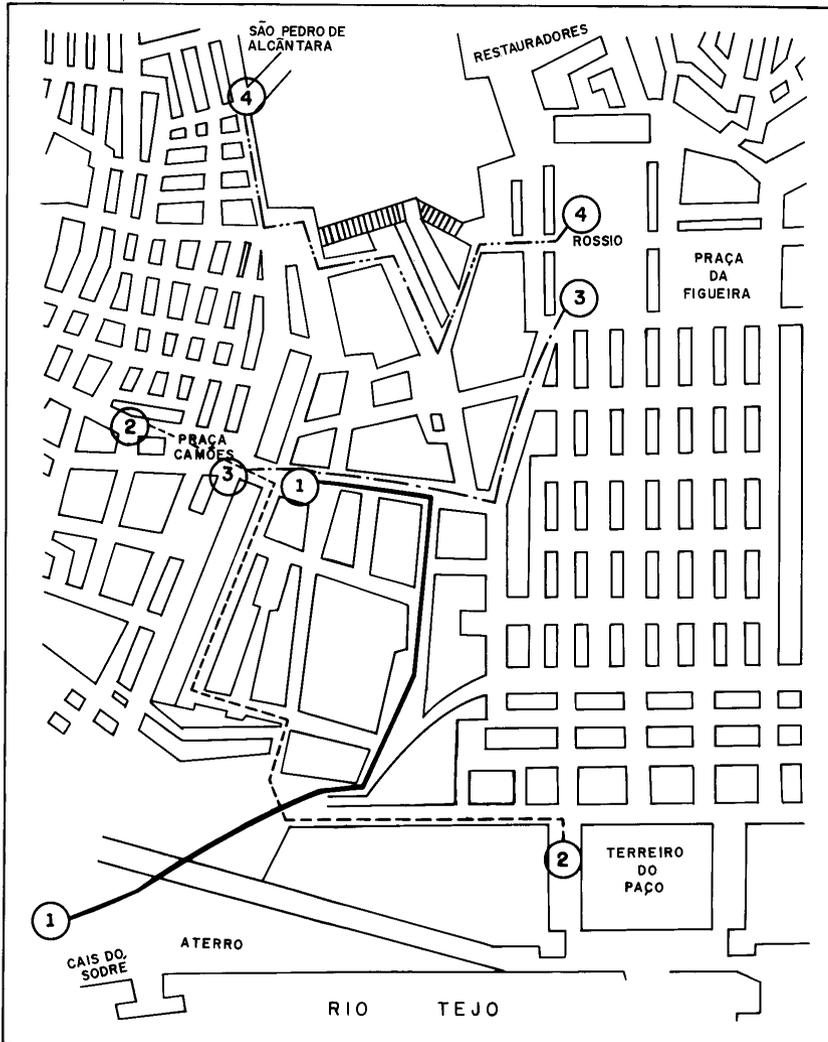


termos relativos, em função do transporte coletivo, situou a grande propriedade rural, a fazenda, do velho Afonso da Maia. No Lumiar, hoje um bairro da cidade, Eça situou a casa do Craft, personagem de “Os Maias”, um lugar distante, a horas de viagem do Chiado.

A área da Lisboa de Eça é toda ela construída sobre colinas, cujas vertentes levam à Baixa e às margens do Tejo: no Aterro, no cais do Sodré e no Terreiro do Paço. Duas são as colinas mais acentuadas: a de São Roque ou do Bairro Alto, que tem maior altitude em São Pedro de Alcântara e a colina de São Francisco, historicamente denominada Monte Fragoso. Os personagens de Eça utilizavam nos seus percursos na área os meios de transporte da época: coupé, landau, tipóia e elétrico ou americano. O autor só faz referência à questão do relevo quando o percurso era feito a pé, assim “subia” ao Chiado ou “descia” ao Aterro. Na realidade há numerosas calçadas, travessas e becos que são constituídos, ou terminam, em escadas que levam à Baixa. Apenas duas descrições, já transcritas, revelam observação dos elementos urbanos em termos da morfologia do terreno. As confluências de ruas, edifícios e lugares que marcam pontos de ruptura na rede de transportes, pontos de passagem de uma estrutura urbana para outra, constituem os **pontos focais**. Os

**Figura 3 - Delimitação do "bairro" nas imagens de Lisboa de acordo com Eça**

**Figure 3 - Délimitation du "quartier" dans les images de lisbonne d'après Eça**



**CAMINHOS :**

1 — Rampa de Santos - Aterro - Rua de S. Francisco - Largo do Chiado.

2 --- Terreiro do Paço - Rua do Alecrim - Loreto.

3 ---- Rossio - Rua do Carmo - Rua Garrett - Praça Camões.

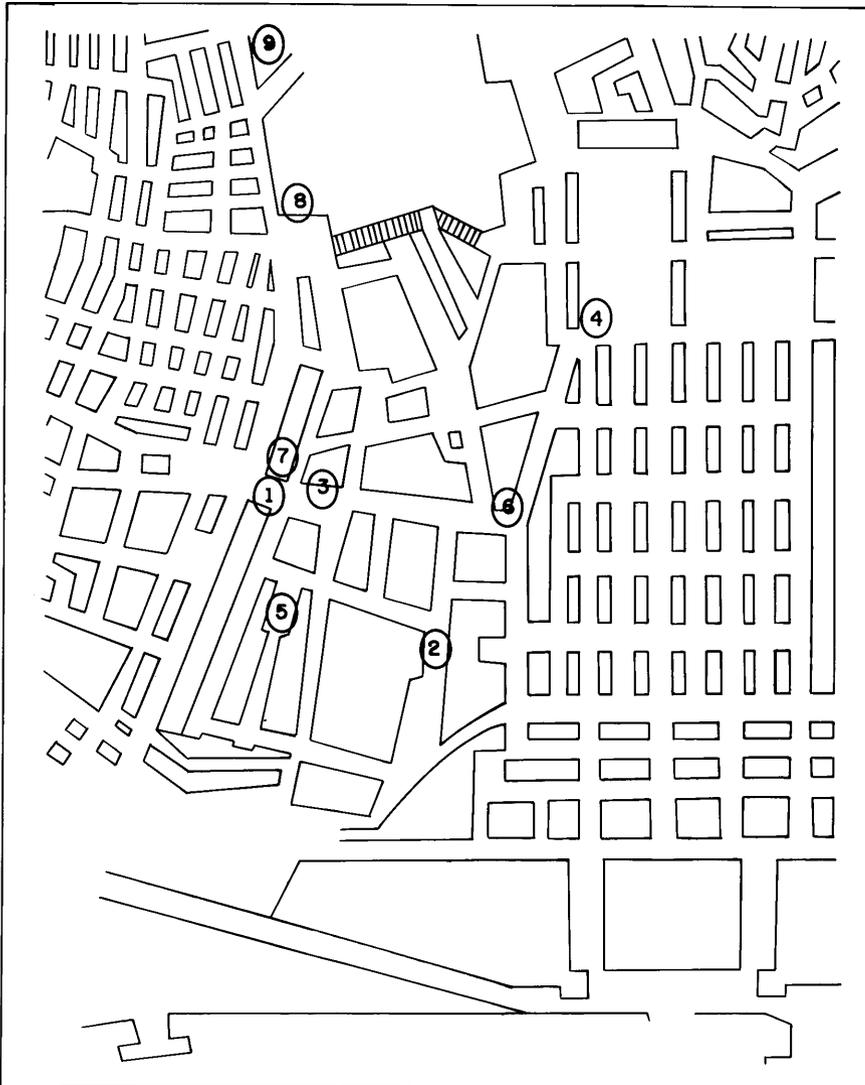
4 ---- Calçada do Carmo - Rua da Trindade - Largo de S. Roque - São Pedro de Alcântara.

**marcos visuais** são elementos nos quais o observador não penetra, são exteriores, como chaves de identificação em uma estrutura espacial urbana. É difícil distinguir esses dois elementos nas imagens registradas na obra de Eça. Como pontos focais e/ou marcos visuais destacam-se cafés, restaurantes, hotéis, o Grémio Literário e o Teatro São Carlos. Segundo Vieira (1993: 55), em 1782 “*se inaugura no Terreiro do Paço um dos locais de culto dos intelectuais de nosso tempo*”, começa por chamar-se Casa da Neve e em 1784 passa a Café Italiano. Completamente reformado nos primeiros anos do século XIX, passa a Botequim da Arcada, acabando por se fixar em Martinho da Arcada, do nome de seu proprietário Martinho Rodrigues. Juntava-se da Arcada para se distinguir de outro estabelecimento que o mesmo Martinho possuía, no Rossio. Esse Café do Martinho aparece doze vezes em quatro diferentes textos, especialmente em “A Capital” e “Os Maias”. Também são citados cafés tradicionais do Largo do Chiado: a Casa Havanesa e a Casa Brasileira. Entre 1804 e 1809, o italiano Antonio Marrare fundou quatro estabelecimentos, todos conhecidos pelo seu sobrenome. Assim existiam o Marrare do Cais do Sodré, o do São Carlos, o das Sete Portas e aquele que acreditamos foi o citado por Eça quando oito vezes fala do “Marrare”, esse estava situado no Chiado. Este era o mais famoso da época onde se encontravam “*homens fora do comum, que eram os homens de talento, os janotas, os ociosos puros...*”, como escreve Vieira (1993: 58). Do “Marrare” além da famosa pureza do café ficou conhecido o bife, também citado por Eça. Mas, na maioria das citações os personagens fazem refeições, sobretudo as festivas, em hotéis como o Bragança e o Universal, que hoje não mais existem. No Universal, nos altos do edifício dos “Grandes Armazéns do Chiado”, realizaram-se memoráveis banquetes como o oferecido ao poeta Alencar de “Os Maias”. Também desapareceu o Hotel do Espanhol, onde o Artur de “A Capital” deveria “ferrar-se” em função do preço módico. O Grémio aparece em cinco das obras de Eça, que era sócio número 19, e foi como sua casa em Lisboa. Foi fundado em 1846, por personalidades da época, e instalado em um palacete da Rua Ivens (antiga Rua Nova de São Francisco).

O Teatro de São Carlos foi inaugurado em 1796 mas teve seus momentos de glória no século passado. Durante o romantismo era o centro da cultura e da maledicência lisboeta. Eça o cita por onze vezes, mas é em “O Primo Basílio” que descreve com fina ironia o espetáculo assistido por Jorge, Luísa e Dona Felicidade. Na área do Chiado de Eça estão muitas das Igrejas de Lisboa. Há até mesmo duas, uma defronte a outra: o Loreto e Sacramento. Esse Largo das Duas Igrejas é citado quatro vezes por Eça como “o Loreto”. Uma igreja mais significativa, em termos religiosos, a da Encarnação só é citada três vezes em “A Relíquia” e uma vez em “O Primo Basílio”. A área era, no tempo de Eça, a da sede de todos os jornais da cidade, mas ele só faz referências às redações do “Diário de Notícias” e do “Século” em “Os Maias” e “A Capital”.

**Figura 4 - "Pontos Focais" e "Marcos Visuais" no espaço vivido de Eça**

**Figure 4 - "Points Focaux" et "Bornes Visuelles" dans l'espace vécu d'Eça**



- 1 - Largo do Chiado
- 2 - Grémio Literário
- 3 - Casa Havanesa - À Brasileira
- 4 - Café do Martinho, no Rossio
- 5 - Teatro de São Carlos

- 6 - Hotel Universal
- 7 - Igreja do Loreto
- 8 - Igreja de São Roque
- 9 - Belvedere de São Pedro de Alcântara

## IMAGENS DE HOJE NO ESPAÇO DE EÇA

As imagens da urbanização do Chiado de Eça resultam da reconstrução após o terremoto de 1755. Era nesse Chiado que no século XIX não se “caminhava” ou “passeava” mas “fazia-se”, ou seja, toda a vida da cidade se resumia ao espaço “entre o Grémio e a Casa Havaneza”, como escreveu Eça. Depois de 1882 o lisboeta começa a “fazer a Avenida” e o Chiado perde prestígio social. Parcela significativa desse espaço urbanizado sofreu consequências do incêndio de 1988, quando o fogo destruiu a porção, já um tanto decadente, onde estavam grandes palacetes que acolhiam os Armazéns Grandella e os Grandes Armazéns do Chiado.

Um projeto de restauração, em execução, prevê a reconstituição fiel das fachadas originais dos edifícios, trabalho facilitado pelo fato de que o incêndio destruiu mais os interiores. Esses interiores terão desenho moderno, com espaços amplos e arejados. Na maior parte deles os dois primeiros andares serão ocupados por lojas de departamentos, filiais de grandes empórios franceses, ingleses e holandeses, e assim desaparecem velhas lojas lisboetas. Entre os edifícios maiores irão se abrir espaços para ruelas, escadarias e pequenas praças e nas calçadas bares com mesas ao ar livre, que os portugueses chamam de cafés-esplanadas. A reforma deverá estar pronta em 1998, quando a cidade sediará uma Expo-98 uma exposição universal. Essa Exposição irá provocar mudanças radicais em outra porção da malha urbana de Lisboa, muito citada por Eça, a que vai do Cais do Sodré, do Aterro até a Rampa de Santos e os Olivais. Toda ela será ocupada por pavilhões, espaços abertos para circulação e grandes espaços de entretenimento. Desaparecerá, por certo, a tranquilidade que fazia o encanto dos passeios e das caminhadas de Carlos da Maia muitas vezes na companhia de seu amigo Egas. Lisboa irá, certamente, ganhar em modernidade, mas perde parte de seu encanto único, ficando semelhante a outras capitais européias. Foi essa unicidade que, embora com críticas mordazes, Eça amou na sua pequena cidade revelando-a em ricas imagens, aquelas do seu espaço vivido e onde circularam os seus “filhos”, os personagens de sua obra. Assim, por exemplo, foi na Rua de São Francisco que se amaram Carlos e Maria Eduarda de “Os Maias”, na Rua do Ferragial morava o Conselheiro Acácio de “O Primo Basílio”, na Igreja de Santana rezava Dona Patrocínio, a Titi, de “A Relíquia”, Macário de “Singularidades de uma Rapariga Loira” foi comprar o anel de noivado na Rua do Ouro, a Rua de São Roque era a preferida dos passeios de Dona Felicidade de “O Primo Basílio” e muitas vezes Luísa subiu a Praça da Alegria até a Patriarcal, onde morava. Talvez essa Lisboa, esse Chiado, volte a ter o significado que possuía, no tempo de Eça, para a vida da cidade e até mesmo do país, sintetizada na frase: “*o que um pequeno número de jornalistas, de políticos, de banqueiros, de mundanos, decidir no Chiado que Portugal seja - é o que Portugal é*”.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BLEY, Lineu. *Percepção do espaço urbano: O centro de Curitiba*. Dissertação Mestrado, UNESP-Campus de Rio Claro, 1982.
- FERREIRA, Solange Terezinha de Lima. “A percepção geográfica da paisagem dos Gerais no Grande Sertão: Veredas”. Dissertação de Mestrado, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 1990.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. “*Literatura Portuguesa*”. Lisboa: Livraria Acadêmica, 1955.
- LYNCH, Kevin. *La imagen de la ciudad*. Buenos Aires: Ediciones Infinito, 1974.
- PANKOW, Gisela. *O homem e seu Espaço Vivido*. Campinas: Papirus, 1988.
- RIMBERT, Silvye. *Les paysages urbains*. Paris: Armand Colin, 1973.
- VIEIRA, Alice. *Esta Lisboa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.